



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - BODOCONGO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ALEX JUNIO MARQUES DE ARAÚJO

ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: OS DESAFIOS DE ANTÔNIO BIÁ

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

ALEX JUNIO MARQUES DE ARAUJO

ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: OS DESAFIOS DE ANTONIO BIÁ

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: Teoria e Metodologia da História.

Orientador: Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663e Araújo, Alex Junio Marques de.
Entre a história oral e a memória [manuscrito] : os desafios
de Antônio Biá / Alex Junio Marques de Araujo. - 2020.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História oral. 2. Memória. 3. Cinema. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ALEX JUNIO MARQUES DE ARAÚJO

ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: OS DESAFIOS DE ANTONIO BIÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Linha de pesquisa: História e Narrativa

Aprovado em: 01/12/2020 com o conceito 10

BANCA EXAMINADORA

Jose dos Santos Costa Junior

Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Hilmaria Xavier Ribeiro

Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Cipriano

Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Natan Dennys Sousa Veríssimo (*in memoriam*), pela amizade, confiança, companheirismo e alegria que contagiava todos aonde quer que chegasse, DEDICO.

Se Javé tem algo de valor são as histórias das origens, os guerreiros lá do começo, que vocês vivem cantando recantando. E isso, minha gente isso é patrimônio, isso é história grande.

(Narradores do Javé, 2003).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HISTÓRIA ORAL, REFLEXÕES E DESAFIOS	10
3 OS CAMINHOS DA MEMÓRIA E ABORDAGENS	15
4 OS DESAFIOS DE ANTÔNIO BIÁ.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	23

ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: OS DESAFIOS DE ANTONIO BIÁ TÍTULO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: SUBTÍTULO

Alex Junio Marques de Araújo*

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do filme *Narradores de Javé*, mais precisamente a tentativa de Antônio Biá, protagonista da trama, em escrever um dossiê contendo a história da vila, no qual comprovaria que o lugarejo continha patrimônio histórico, evitando, assim, que as águas de uma represa submergissem o local. Embora não fosse um historiador de formação, Biá faz sua pesquisa e coleta de dados. Partindo de uma pesquisa bibliográfica e de uma experimentação da relação entre História e Cinema, o estudo propõe uma reflexão de caráter teórico-metodológico sobre história oral e memória na interlocução com autores/as como Paul Ricoeur, Jeanne Marie Gagnebin, Maurice Halbwachs e Alessandro Portelli com suas distintas contribuições e problematizações sobre a relação entre história e memória. Ao problematizar tais questões a partir da experiência de Antônio Biá, o texto contribui de modo introdutório para pensar sobre as tensões entre escrita da história e produção/análise da memória. Diante da impossibilidade de escrever, esta personagem do cinema nos permite refletir sobre os desafios da escrita e os dilemas da historiografia nessa seara.

Palavras-chave: História oral. Memória. Narradores de Javé.

ABSTRACT

This article presents the analysis of the film *The Storytellers*, more precisely, the attempt by Antônio Biá, protagonist of the plot, to write a dossier containing the story of the village which would prove that the village contained historical heritage, thus preventing the waters of a dam from submerging the place. Though he wasn't a training historian, Biá does his research and data collection. Starting from a bibliographic research and an experimentation of the methodological reflection on oral history and memory in the dialogue with authors such as Paul Ricoeur, Jeanne Marie Gagnebin, Maurice Halbwachs and Alessandro Portelli with their distinct contributions and questions about the relationship between history and memory. By problematizing such questions from the experience of Antônio Biá, the text contributes in an introductory way to think about the tensions between writing history and the production/analysis of memory. Faced with the impossibility of writing, this film character allows us to reflect on the writing challenges and dilemmas of history in this field.

Keywords: Oral History. Memory. The Storytellers.

* Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História (UEPB).

1. INTRODUÇÃO

Produzir uma história em pouco tempo, para salvar uma vila de ser submersa pelas águas de uma hidroelétrica, esse foi o desafio imputado a Antônio Biá. Na ficção Antônio Biá é um personagem do filme *Narradores de Javé*¹, dirigido por Eliane Caffé em 2001. O filme narra a tentativa dos moradores de uma pequena vila, Javé, de salvar sua comunidade das águas de uma hidroelétrica que inundaria o lugarejo. Para tal feito, seria necessário que a vila apresentasse às autoridades provas de que no local existia patrimônio histórico. Assim evitaria que o lugar fosse invadido pelas águas e o mantendo a salvo.

Nessa tentativa de salvação para Javé, a solução encontrada pela comunidade foi a de escrever a história do lugar, provando que a vila tem sua importância histórica. Porém, é nesse momento que entra em cena Antônio Biá, um dos poucos na cidade que tinha acesso a leitura e a escrita.

Durante a trama, Biá teria sido expulso da vila, na qual trabalhava como carteiro, após forjar inúmeras cartas falando mal dos moradores de Javé. Diante da necessidade, Biá é trazido de volta com o desafio de escrever a história da comunidade. É nesse ambiente de intrigas, somado a comédia e ao drama que o filme discorre sobre a única saída para salvação da vila, narrar e escrever a história de Javé.

Em posse de um livro em branco e com a missão de escrever a história que salvaria Javé das águas, Antônio Biá, começa sua jornada de entrevista aos moradores da vila. O desafio de transformar as histórias narradas em uma única história escrita, a grande história de Javé. Tal conflito apresentado em uma trama cinematográfica constitui-se como o nosso ponto de partida nesse texto para construir uma reflexão teórico-metodológica sobre a relação tensa e densa entre memória e história, considerando-se a relevância de abordar essa relação a partir de sua tensão produtiva, questionadora e problematizadora de práticas sociais e institucionais que fazem parte do conjunto de desafios postos à historiografia contemporânea.

No filme, Antônio Biá não possui nenhuma graduação ou formação acadêmica, o que o torna diferente dos demais é apenas a sua habilidade de ler e escrever, algo raro na vila. Porém, o que mais se destaca é sua escrita, motivo pelo qual foi expulso da vila, sendo o mesmo motivo o que fez tornar a ela.

As adversidades encontradas por Biá, em desenvolver a escrita, têm início com as diferentes narrativas coletadas. No total são cinco versões diferentes dos grandes nomes e feitos dos heróis fundadores de Javé. É no momento das entrevistas em que devemos observar e analisar a narrativa de cada família, através de suas lembranças, memórias individuais e coletivas que, através da oralidade, foi perpassado para os, então, narradores de Javé.

Para essa análise utilizaremos como base as contribuições de Verena Alberti (2005) e Alessandro Portelli (1997) que alargaram o debate sobre História Oral, considerando a centralidade que a oralidade passou a exercer na cena acadêmica para pensar diferentes temáticas concernentes à história contemporânea. Por sua vez, Maurice Halbwachs (2006) construiu uma densa e ampla reflexão sobre a memória e a história em sua obra póstuma *Memória Coletiva*, apresentando

¹ Direção: Eliane Caffé. Roteiro: Eliane Caffé e Luiz Alberto Abreu. Ano: 2003. Duração: 100 minutos. Gênero: drama. Nacionalidade: Brasil.

relevantes instrumentos de análise para problematizar a relação entre indivíduo/sociedade, subjetividade e coletividade. Trata-se de pensar como a produção social da memória se dá em redes de tensão e enquadramentos que são mediados por seleções, projetos, escolhas e valores partilhados por certos grupos ou setores da sociedade (POLLAK, 1989). As relações entre o lembrar e o esquecer são mediadas politicamente e cabe ao historiador pensar como diferentes práticas culturais mobilizam valores e criam verdadeiras políticas da memória ou do esquecimento como nos sugerem as reflexões de Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Paul Ricoeur (2007).

Analisar o desafio imposto a Biá, a partir do olhar da historiografia, partindo da premissa que o personagem analisado não é um historiador, apenas alguém que teve acesso à leitura e escrita, recebendo a missão de escrever sobre a história de sua vila, torna-se importante para pensar a historiografia através de provocações do cinema. Esse trabalho vai além de uma simples análise do filme, pois traça-se os caminhos que Biá percorreu em sua pesquisa desde o momento em que se depara com as memórias dos habitantes da vila. O estudo da memória, muito importante hoje no campo da história, pois através dela se alarga as possibilidades de fontes e objetos da pesquisa histórica, além de propiciar outras vozes às narrativas. Deste modo, a questão da memória tem sido protagonista em muitos debates entre os historiadores, está aqui presente, traçando alguns caminhos no qual a memória pode caminhar, em seguida a partir desses caminhos analisaremos as escolhas e entrevistas realizadas por Antônio Biá.

Se o desafio é escrever uma história para Javé, devendo ser a primeira obra escrita da vila, o primeiro passo dado por Biá foi entrevistar as pessoas que narravam as histórias sobre o lugar, os feitos dos seus antepassados, fundadores de Javé. Nesse momento, ao fazer as entrevistas e coletar as informações ele entra em contato com as memórias e lembranças dos habitantes da vila, não cabendo uma análise profunda, em termos de como se desenvolve o enredo do filme, mas analisando a forma como as entrevistas se deram, a escolha dos entrevistados e o tratamento dado às memórias.

A busca por um passado sem documentos é a porta que une as lembranças individuais, as histórias contadas pelos antepassados e a memória coletiva. Neste sentido, a História Oral é uma metodologia de pesquisa, que ganhou espaço no meio dos historiadores, antropólogos, sociólogos e outros profissionais após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), devido ao avanço da tecnologia, permitindo o uso de equipamentos gravadores para a realização de entrevistas. Colocada em dúvida por muito tempo, a História Oral vem ganhando mais adeptos no Brasil, Tendo sua proliferação nos anos 50, chegando no Brasil na década de 1970, na qual marcou também a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. A década de 1990 tem sido considerada como momento de expansão dos estudos da História Oral no Brasil, constituindo tal fato como um acontecimento relevante na história da historiografia brasileira contemporânea.

A entrevista é a fonte da História Oral, o fator humano é indispensável, seja ele participante ou não da temática abordada, podendo ser apenas um ouvinte que não viveu o momento, mas teve contato com pessoas próximas ou com os participantes do fato abordado. Por ser uma metodologia que busca as lembranças e/ou narrativas de um determinado local, pessoa ou sociedade, somados à busca pela compreensão das experiências pessoais e/ou coletivas, é preciso atentar a uma

série de dados que devem ser anteriormente coletados, a fim de fazer da História Oral uma metodologia sólida e que permita a compreensão do passado.

No intuito de seguir uma metodologia capaz de permitir uma cientificidade no tratar das entrevistas, podemos citar, por exemplo, o *Manual de História Oral*, da Verena Alberti (2005), assim como sua contribuição na coletânea *Fontes históricas*, organizada por Carla Bassanezi Pinsky, na qual ela aborda o proceder com a História Oral, além das contribuições de outros autores que a própria Verena cita como o italiano Alessandro Portelli, entre outros nomes.

A História Oral abre as portas para várias histórias que ainda não foram contadas, como uma espécie de “democratização da história”, dando voz a pessoas que antes eram esquecidas ou estavam à margem da História. Através dela podemos conhecer histórias de pessoas, famílias, bairros ou até mesmo de um lugar específico, ou seja, uma praça ou edifício onde as pessoas tinham o costume de se reunir para socializarem, sendo um lugar que permite um sentimento de nostalgia, que ative nas pessoas suas lembranças. No caso aqui analisado, a vila de Javé cumpre esse papel de objeto histórico.

No sentido do trato com a História Oral, vemos a importância de um método para a realização das entrevistas, da preparação de um roteiro que deve ser seguido, além do cuidado com a escolha de quem entrevistar. No decorrer de uma entrevista pode acontecer que o rumo da pesquisa mude de direção. Logo, o entrevistador deve estar preparado para tal ocasião. Não diferente, a História Oral ainda tem outras variantes que serão aqui explanadas, que merecem muita atenção, fazendo dela uma produção dispendiosa.

Sabendo que a História Oral necessita desse trato, como então produzi-la em pouco tempo? A tarefa de Antônio Biá não era tão simples como os moradores de Javé pensavam.

Se, por um lado, há todo cuidado na produção da História Oral, por outro, cabe uma análise quanto à memória coletiva. No decorrer da obra percebemos por diversas vezes, os debates levantados por Maurice Halbwachs. De forma mais contundente, durante as narrativas colhidas por Biá, observamos que as narrativas e histórias dos fundadores, as lembranças contadas por diferentes famílias, cada família com sua versão, apontam para o debate entre a relação entre a memória individual e memória coletiva.

A relação entre história oral e memória é contígua. Estando ambas vinculadas, como pensar em história oral sem a memória? Assim, a História não caminha sozinha, a produção da história nesse campo, necessita diretamente de um diálogo com pensadores de outras áreas como a Sociologia e Filosofia que debatem o conceito de memória, haja vista, o crescente debate sobre a memória nas últimas décadas, a fim de se produzir um conhecimento científico que se afaste das desconfianças.

Contudo, os usos e abusos da memória apontam para variações e tensões de amplo alcance e que devem ser tomados como objeto de reflexão e cuidados pelos historiadores (FERREIRA; AMADO, 2006). Segundo Benito Bisso Schmidt (2006), o emprego equivocado do conceito de memória tem sido comum inclusive por parte de muitos historiadores que de forma descuidada não observaram sua matriz epistemológica, produzindo trabalhos equivocados e superficiais. No intuito de possibilitar um norte para esse debate sobre memória/história, Schmidt apresenta algumas reflexões capazes de situar as matrizes teóricas e seus pensadores, traçando o perfil dos autores e destacando as suas semelhanças e as divergências.

Doravante a este debate devemos refletir que lidar com memória, é lidar com pessoas com sentimentos e emoções. Muitos desses sentimentos podem estar grafados em cartas, diários e autobiografias, enquanto outros ficam apenas nas lembranças e sem a sua materialização na escrita ou em imagens fotográficas ou audiovisuais, por exemplo. A História Oral permite esse contato direto com o interlocutor na medida em que sua memória é produzida por meio de lembranças e afetos diversos. Isto nos coloca diante da problemática da subjetividade, que cada vez deve ser mais analisada e pensada sem a dicotomia objetividade/subjetividade, mas como fonte, como construção social ancorada em conflitos e não se referindo a comportamentos, gestos e características essenciais de um indivíduo. Isto aponta para a necessidade de analisar as redes de poder e as formas de afetos, sensibilidades e lembranças que compõem a subjetividade no tempo e espaço.

Analisar a relação entre a História Oral e a Memória tanto na sua abordagem teórica, quanto na sua utilização no filme *Narradores de Javé*, é o principal tema deste artigo. Durante o filme pode-se observar outros aspectos pertinentes à área de história que não serão analisadas de forma mais aprofundada aqui, como a questão da transição da oralidade para a escrita, mas é o trato com as memórias e a busca pelas lembranças que serão analisadas, no qual observaremos o “método” de pesquisa executado por Biá.

Neste sentido partiremos da metodologia empregada na História Oral, que é base para uma pesquisa consistente e que se distancia da desconfiança. Logo, um debate sobre a metodização se faz necessário, sabendo que nesse campo o pesquisador deve ser sensível ao utilizar o método, pois que cada entrevista tem sua particularidade. Em seguida, faz-se uma análise sobre memória, visando entendermos as diferenças entre memória e história. Compreendendo esse debate, partiremos para a análise das entrevistas realizadas por Biá em sua missão de “salvar” a vila. Desse modo, seguindo o enredo do filme, observaremos nas personagens o sentimento da comunidade e coletividade no desenrolar dos acontecimentos.

2. HISTÓRIA ORAL, REFLEXÕES E DESAFIOS

Voltar ao passado, as histórias de vida, ouvir os testemunhos são parte do método da história oral. Mas o que seria a história oral? De acordo com a definição de Lucília Delgado:

A História oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história de vida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida* (DELGADO, 2010, p.15).

É notório nas últimas décadas o interesse dos historiadores pela História Oral. Sabemos que o trabalho com a oralidade através de formas de sua captura para construir uma narrativa sobre uma cultura, um povo, etc., não é algo recente. De acordo com Lassere (1976), o próprio Heródoto, conhecido como “Pai da História”, embora ele mesmo não entregue muitas informações quanto à forma utilizada para a captura de depoimentos, de certa forma conseguiu colher diversas narrativas. Não cometendo o erro de se utilizar do anacronismo, em falar que Heródoto se utilizou da

História Oral, pois as definições de métodos históricos não existiam, podemos considerar a obra de Heródoto quanto aos seus métodos é densa e diversa, tendo sido criticada inclusive por Tucídides.

Para Pierre Nora (1993) a História Oral, mediante a valorização das fontes, embora a fonte oral tenha sido motivo de crítica por muito tempo, tem um caráter contemporâneo, “sempre atual”. É o historiador que cria a fonte, no ato da transcrição fiel do que foi dito, assunto que emerge em um enorme debate. De fato, existem algumas variantes que requerem uma atenção maior quanto a essa transcrição fiel, podendo ser a velocidade que o narrador descreve o fato, a ênfase que ele dá a determinados momentos, etc. Para isso o uso correto da pontuação concede o real intuído do julgamento que o narrador quer transmitir. Por sua vez, o uso incorreto da pontuação pode acarretar em uma interpretação descuidada, desconsiderando a perspectiva do narrador.

A dita História Oral ganhou espaço no cenário mundial logo após a Segunda Guerra Mundial com o avanço da tecnologia, a invenção dos gravadores, que até hoje fazem parte dos instrumentos de um pesquisador. Tal tecnologia modificou o cenário, trazendo a possibilidade de arquivar as experiências e narrativas que não estavam em documentos escritos.

Mas em que consiste a História Oral? Como procede? Quais os cuidados que devemos ter? Quem entrevistar? Não só essas, mas outras inúmeras indagações surgem sobre a metodologia ao nos depararmos quando fazemos uma pesquisa.

Muitas indagações podem surgir em torno do tema, que abrangem o campo do historiador. Porém, cabe uma análise diferenciada desse campo quando a indagação é: de quem é a História Oral? Quem pode se utilizar dessa metodologia? Sabemos que o ato de entrevistas não é algo exclusivo do historiador, pois outras áreas também a utilizam, sejam antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, psicólogos, jornalistas entre outros, possibilitando uma abordagem qualitativa capaz de alargar os horizontes da pesquisa, obtendo uma compreensão que o documento escrito não é capaz de oferecer. Abre a possibilidade de chegar ao ponto de vista dos entrevistados de outra forma, dando voz àqueles que ficaram à margem da história dita oficial.

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais (GUEDES-PINTO, 2002, p. 95).

Nesse sentido, a História Oral, transpõe os muros das academias e dando voz ao cidadão comum que, por sua experiência vivida, consegue se inserir ganhando voz e saindo do anonimato da história, como uma espécie de democratização da história, concedendo outras perspectivas da história. Para Verena Alberti (2005, p.155) “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

Vê assim que são inúmeros cuidados e desafios que o historiador enfrenta ao fazer uma pesquisa em campo, claro que o propósito aqui não é dissecar ponto por ponto, porém alguns pontos são de suma importância na análise do filme aqui proposto.

Seguindo o pensamento de Verena Alberti (2005, p.155), a História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de,

ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e presente”. A entrevista é a ferramenta principal para a coleta de dados. Para isso o pesquisador necessita de um gravador de voz, capaz de armazenar as entrevistas para futuras consultas.

Se a principal ferramenta da pesquisa é a entrevista, como prepará-la? Inicialmente necessita-se de um projeto no qual demarca os caminhos de pesquisa que o pesquisador irá percorrer. Através do projeto de pesquisa algumas questões são respondidas, como o tema proposto, a partir desse tema elaborar o questionário, assim escolhendo os entrevistados e em quanto tempo essas entrevistas devem ser colhidas.

Isso significa que os entrevistados são tomados como unidades qualitativas, e não como unidades estatísticas. Para selecioná-los é necessário um conhecimento prévio do universo estudado; é preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do tema investigado, saber quais os mais representativos e quais são reconhecidos pelo grupo, além de conhecer os que são considerados “desviantes” (ALBERTI, 2005, p. 172).

Logo, quando fazemos uma pesquisa qualitativa estamos muito mais interessados, nas opiniões e pontos de vista do que no número de pessoas a serem entrevistadas. Neste caso, escolher bem os entrevistados que tenham o conhecimento prévio ou um contato direto ou indireto com o tema evita a coleta de entrevistas que destoam da problemática da pesquisa. O pesquisador deve ter a sensibilidade que é uma pesquisa interpretativa, subjetiva que sempre traz algo de novo “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Um ponto que chama muito a atenção de Portelli (1997) é a subjetividade, na qual cada entrevistado, ou como ele chama “expositor”, tem sua particularidade. O próprio Thompson (1992) aponta que todas as fontes sejam elas escritas, visuais ou orais estão sujeitas a subjetividade, podendo virem a ser manipuladas, inclusive. Neste sentido, o que faz a história oral ser diferente é “que ela nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*” (PORTELLI, 1997, p.31). Não fazendo um exercício de desmerecer a História Oral quanto aos fatos, os fatos existem, porém cada narrativa sobre o fato elenca uma nova visão sobre o mesmo.

Segundo Verena Alberti (2005, p.171) “o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento”. É na preparação das entrevistas que o pesquisador deve elaborar o seu projeto, contendo todos os passos a serem seguidos. Devendo expor se será uma pesquisa “temática” no qual as entrevistas se darão em torno de um tema, “tradição oral” podendo ser práticas religiosas, tradições, passadas por gerações ou “testemunhal” podendo ser biográfica, história de vida ou factual sendo um acontecimento, um fato que ficou marcado.

No projeto deve conter o cronograma estimado e o roteiro das entrevistas. Segundo Verena Alberti (2005, p.178) “uma sessão deve ser de aproximadamente duas horas, mas há sessões que se estendem por mais tempo.” A entrevista é imprevisível, principalmente no caso de histórias de vida, mesmo com um repertório pré-estabelecido, seguindo algumas perguntas, muitas vezes a entrevista tende a ser rápida ou por vezes demorada, depende da sensibilidade do entrevistador e do entrevistado. Segundo Alessandro Portelli (1997, p.29) “um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios”. Seguindo esse pensamento, uma entrevista pode ocorrer por tempo indefinido.

Precisamos entender que uma pesquisa de fontes orais, por vezes busca informações de pessoas letradas nos quais trazem consigo uma carga emocional, dependendo do nível de envolvimento com o tema pesquisado, podendo “bloquear” certas informações, se a lembrança for dolorosa.

A percepção do entrevistador é de vital importância para uma entrevista quando essa aborda temas que interferem no emocional do entrevistado. O entrevistador tem que ser sensível, ao silêncio e ao esquecimento de certos temas, além do fato que o entrevistado, dependendo do assunto não se sinta a vontade para falar com um “desconhecido”, podendo ser uma estratégia de fugir do tema por ser delicado ou ainda no campo da subjetividade, o entrevistado queira expor algo que para ele foi mais marcante.

De acordo com o pensamento de Portelli (1997), é o historiador que escolhe o tema e os entrevistados. Logo, partindo de quem conta a narrativa, seja a classe operária ou a dominante, o controle de quem fala está nas mãos do historiador. É o historiador que colhe o testemunho e dá sua “forma”. Se a classe dominante tem um apoio maior na história escrita através de documentos, a história oral dá voz à classe operária. É a classe operária falando através da história, ou seja, do historiador, “embora aceitando que a classe operária fale através da história oral, é claro que a classe não fala no abstrato, mas fala para o historiador, com o historiador e, uma vez que o material é publicado, *através do historiador*” (PORTELLI, 1997, p.37). Tendo a cautela de não generalizar toda experiência de classe, Albuquerque Jr. (2007) nos adverte sobre o cuidado que o historiador deve ter sobre os conceitos de História e Memória, partindo das influências, em que o narrador não fala por si mesmo, a fala de um sujeito é formada por outras memórias e outras falas. Ainda segundo Albuquerque Jr., ao observar E. P. Thompson, em sua análise das experiências de classe, nos orienta que acontece uma sintetização à *luta de classes*. Para Thompson a história é um experimento em realização, de forma regular a história caminha para a possibilidade do fim da luta de classe, onde os historiadores do futuro saberão dos fatos passados, sendo capazes de analisar com mais rigor o sentido do processo histórico.

A História Oral é múltipla, são vários pontos de vista e opiniões de um mesmo tema. Partindo desse pensamento, Portelli (1997) acredita que “a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. São muitos os debates em torno da parcialidade, na qual o historiador deve ser o mais parcial possível”. Porém, “a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador.” Historiador e “fontes” quase sempre em lados opostos, uma confrontação permanente, seja na busca do próprio “conflito” de pensamentos, seja por “busca pela unidade”.

Outro tipo de confrontação pode surgir durante uma entrevista, o “encontro epistêmico”. De acordo com Dernival Venâncio Ramos Júnior (2019) o que ocorre em uma entrevista é um encontro epistêmico, o encontro de dois saberes, um moldado pela academia e outro pela vida:

Peguei a caderneta enquanto seu Raimundo dizia: “Na ilha tinha uma lagoa que tinha um Buriti que ficava mudando de lugar, indo pra lá e pra cá. Um dia tava aqui, outro lá. Me explique isso, vocês...”. Plábio disse: “uai, o senhor que tem que explicar.” Seu Raimundo riu (RAMOS JUNIOR, 2019, p. 361).

Segundo a citação acima, o autor narra em sua experiência de entrevistas, quando se sentiu constrangido ao ser desafiado por um senhor que possuía um

respeito por sua idade e seu conhecimento na comunidade. Porém, ao se deparar com a indagação de seu Raimundo, vendo que não teria resposta, o autor percebe naquele momento um encontro epistêmico quando o saber da academia encontra o saber “nativo”.

Outro movimento que Ramos Júnior (2019) aponta é o que ele vai chamar de “fetichismo do método”, pois ao ter o conhecimento de uma pessoa importante na comunidade, na qual ele estava pesquisando, alguém que “sabia muito”, “tinha muita história”, se deparou com uma negação de entrevista:

Contudo, diferentemente dos outros entrevistados, ele não somente negou o pedido de entrevista, como fez críticas a “esse povo” que vem à comunidade, leva as histórias e nunca devolve nada, nenhuma ajuda. “Armado” com as lições que aprendera nos manuais de História Oral, eu disse a ele que a universidade tinha a função de contar a história da região. Ele continuou impassível. Já ficando meio angustiado, eu disse que era importante registrar a história, porque os mais velhos poderiam morrer e a história se perder. Olhando-me incrédulo, disse: “Perde não. Passa de pai para filho” (RAMOS JUNIOR, 2019. p. 365).

Ramos Júnior se depara com uma negativa de entrevista, mas o que lhe chama atenção além da negação é o fato de que para ele a única forma de registrar, de se tornar história de fato, era ele colher as entrevistas através do método da História oral, método esse ensinado na academia. Enquanto isso o próprio “nativo” demonstra uma tradição oral, na qual as práticas e os costumes da sua comunidade seriam passados de geração em geração através da oralidade.

Após a crítica de que a história não se perderia, ele observa que naquela comunidade havia agentes históricos, capazes de produzir e transmitir o conhecimento, como o caso de Maria da Ilha, que escreveu um livro sobre a comunidade, uma pessoa simples que se sentia parte da história da comunidade, mesmo não possuindo nenhuma formação acadêmica. Podemos observar um sentimento de pertencimento e identidade com o local.

É exatamente a questão da identidade que Philippe Joutard coloca como o “desafio mais delicado” no livro *História Oral: desafios do século XXI*, organizado por Verena Alberti entre outros autores. De acordo com Joutard, a História Oral tem promovido o fortalecimento da identidade, não podendo ser diferente. Porém, o que o autor coloca é que essa identidade pode ser aberta e fechada. A identidade se fecha naturalmente na medida em que fortalece o nacionalismo, rejeitando o que é estrangeiro, acentuando a xenofobia e o racismo. O autor destaca que através dessa identidade fechada muitas guerras e batalhas foram travadas a exemplo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que tinha um caráter identitário e nacionalista. “Tenho a ilusão de acreditar que podemos ajudar as identidades fechadas a se abrirem, desempenhando nosso papel pleno de historiadores e historiadoras, e não o de simples memorialista”, diz Joutard (2000, p.43). Enquanto o memorialista está preocupado apenas em ouvir e recolher as entrevistas para conservar, o historiador se posiciona e analisa as condições de produção da memória e o que a atravessa, podendo inclusive se distanciar da narrativa, não no sentido de que não possa ouvir e recolher, mas sempre mantendo o respeito ao entrevistado e seu grupo, exercitando o cruzamento das fontes e a crítica.

Difícil abordar a História Oral sem falar de memória, ferramenta importante na identidade. Existe um grande debate entre as diferenças entre memória e história (LE GOFF, 2013; RICOEUR, 2007), pois enquanto a memória é considerada falível,

maleável e seletiva, a história é sólida, documentada. O que os historiadores defendem é que elas são totalmente diferentes.

3. OS CAMINHOS DA MEMÓRIA E ABORDAGENS

Não são poucos os estudos recentes sobre a memória, que tem Maurice Halbwachs como um dos grandes pensadores da área. Outros apontam Henri Bergson, Sigmund Freud e Marcel Proust como os pioneiros nesse tema, fazendo do estudo interdisciplinar da memória com campos como a Filosofia, Psicanálise, Psicologia, Literatura, História entre outros.

Como já apontado, memória e história guardam diferenças, mas o que é a memória e como estudá-la? Essa pergunta, ao longo do tempo ultrapassou várias polêmicas e perspectivas distintas. Ao tentar responder essas indagações Edwards, Potter e Middleton (1992) se opõem aos estudos contemporâneos do tema, propuseram uma mudança na forma de se estudar a memória, questionando o estudo da memória no campo operacional, baseado no desempenho da memória, indicando um estudo voltado ao discurso, a fim de encontrar resultados diferentes dos de então.

Embora a recente procura pelo estudo da memória, o caminho percorrido é longo, Havelock (1996), em seu *Prefácio a Platão*, já apontava o interesse na Grécia Antiga pela memória “juntamente com a descoberta da alma, a Grécia, à época de Platão e imediatamente antes dele, precisava descobrir algo mais – a atividade do puro pensamento” (p.216).

Aristóteles também fez estudos sobre a memória. Para ele existe uma distinção, a memória, a *mneme*, a capacidade de conservar o passado e a *reminiscência*, que é a capacidade de acender de forma voluntária o passado. Para Aristóteles, os sentidos são fontes essenciais para o conhecimento da memória, é através dos sentidos que a imaginação projeta imagens materiais na faculdade intelectual.

Outros estudiosos do “mundo antigo” Heródoto e Tucídides fizeram reflexões sobre a memória, ficando bem evidente suas divergências de pensamento na *História da Guerra do Peloponeso*. Tucídides acaba por romper com a tradição oral, e se aproxima do texto, pois o texto permite ser lido no futuro, garantido uma “fidelidade” dos acontecimentos. Para ele a memória é frágil, incapaz de assegurar uma autenticidade e cada testemunha tem sua versão, pois “as testemunhas de cada fato apresentam versões que *variam* segundo sua simpatia com relação a um ou outro lado e *segundo sua memória*” (Tucídides, I, 22,3, *apud* DETIENNE 1998, p. 105).

Trilhar um caminho, percorrer por diversos pensadores, foi o que fez também Jeanne Marie Gagnebin (2006) no livro *Lembrar Escrever Esquecer*. Nele a filósofa suíça atravessa não só décadas, mas séculos, buscando pensadores antigos começando com Homero, Platão até alcançar Walter Benjamin e Paul Ricoeur como nomes importantes para a filosofia do século XX nos contextos alemão e francês, respectivamente. Um verdadeiro paradoxo, essa é a palavra quando se fala na relação entre memória, história e esquecimento. A discussão realizada por Gagnebin tem a proposta de abordar o agora, o presente, onde a oralidade busca uma verdade, a escrita busca manter viva a lembrança. Essa última sendo codificada para as futuras gerações e, sobretudo, a autora reflete sobre o esquecimento, comum ao homem.

Sobre essa transição da oralidade para escrita, observamos que não é tão simples. Para Gagnebin (2006) esse movimento de lembrar e escrever não garante uma imortalidade ou até mesmo conservação do passado, mas anuncia a fragilidade em se manter vivo, enquanto transmissão oral viva, considerada flexível e frágil, a escrita possibilita uma durabilidade maior, mas não definitiva.

Notamos em Gagnebin (2006) a preocupação em discutir sobre a verdade do passado, principalmente nos textos *Verdade e memória do passado* e *Memória, história e testemunho*.

Preciso minha interrogação inicial e pergunto: o que se manifesta, tanto no plano teórico como prático, na nossa preocupação ativa com a *verdade do passado*? Por que fazemos questão de estabelecer a *história verdadeira* de uma nação, de um grupo, de uma personalidade? Para esboçar uma definição daquilo que, neste contexto, chamamos de *verdadeiro*, não devemos analisar primeiramente essa preocupação, esse cuidado, essa “vontade de verdade” (Nietzsche) que nos move? (GAGNEBIN, 2006, p.39)

Antes de levantar essas indagações a autora, observa que a “relação entre presente e passado também é profundamente histórica” e após esses questionamentos ela aproxima essa *verdade do passado* a uma busca da ética do presente. Assim, a historiadora reconhece que os historiadores caminham no relativo, seguindo o pensamento de Vidal-Naquet, no qual os historiadores não têm a presunção de salvaguardar uma verdade que se chame absoluta.

Existe uma preocupação em Gagnebin sobre a memória viva, pois não estamos mais em uma sociedade que vive essa tradição. Logo, necessitamos criar maneiras de conservar a lembrança, frágil e falha, gerando atualmente um cuidado maior e uma série de estudos sobre a questão da memória e do esquecimento.

Presenciando a crescente procura pelo tema da memória e sua relação com a história, a obra póstuma *Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs (1990), cada vez mais tem despontado nos estudos atuais, fazendo dessa obra obrigatória na maioria das pesquisas sobre o tema.

A memória está ligada as nossas relações, aproximações x afastamentos que agregam as nossas experiências individuais. A experiência com o outro, ou seja, a experiência social, estabelece uma memória mais efetiva, do que nossa experiência individual. Nessa perspectiva, da experiência social, coletiva, que Halbwachs se dedicou ao estudo da “memória coletiva”, conceito criado por ele mesmo, contrapondo-se ao conceito de memória individual. De fato, Halbwachs promove uma ruptura de pensamento, uma vez que a experiência individual era mais aceita até então. Discípulo de Émile Durkheim, Halbwachs parte da proposta de seu preceptor em *Representações individuais e representações coletivas* (1898), pensando sobre a relação entre sociologia e memória.

De acordo com Maurice Halbwachs, existe uma dependência mútua entre a memória individual e coletiva, a primeira se apoia na segunda no processo de funcionamento da memória. Ele aborda bem sobre essa dependência apontando a memória autobiográfica e a memória histórica:

Seria o caso de distinguir duas memórias: uma pessoal e outra social, ou mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Ao observar a memória social, Halbwachs percebe que nossas relações e/ou experiências sociais interferem em nossas lembranças. No sentido de que muitas vezes nos apoiamos em relatos externos para reconstruir o passado e que cada nova relação provoca mudanças, essas mudanças, por sua vez, ocorrem sempre no presente. Vale ainda salientar e o próprio Halbwachs faz questão de enfatizar que memória e história são diferentes. Inclusive faz uma autocrítica sobre a expressão “memória histórica”, dizendo que “não foi escolhida com muita felicidade, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto” (HALBWACHS, 1990, p.80). Enquanto a memória é viva e no presente, a história é sólida.

Pierre Nora reforça essa ideia:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (NORA, 1993, p. 9).

Podemos então dizer que a memória é flexível e que essa reconstrução do passado não o traz como ele realmente ocorreu:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Gagnebin (1997, p.102) também segue esse pensamento. Para ela o passado, “ao ressurgir no presente” não é da mesma forma, pois “ele se mostra como perdido e, ao mesmo tempo, como transformado por esse ressurgir; o passado é outro, mas, no entanto, semelhante a si mesmo”. Essa incapacidade de reconstruir o passado tal qual o foi, é o que faz da memória um objeto a ser pesquisado, enquanto um agente de lembranças, traumas, emoções e esquecimentos.

Se as lembranças são frágeis e a memória está sempre ligada a elas através de imagens que surgem com o imaginário, ergue-se uma preocupação, no qual Ricoeur (2007), tendo o devido cuidado diferencia memória de imaginação.

Diferenças básicas são apresentadas enquanto a memória busca uma realidade antes vivenciada, a imaginação está na ficção, no fantástico. Apontadas essas diferenças, uma indagação pode surgir à mente: até que ponto a imaginação interfere na memória?

Mediante essa problemática Ricoeur (2007), faz um retorno até a Grécia Clássica e utiliza alguns conceitos: *eikon* e *phantasma*. Ao descrever a “arte mimética” a arte de copiar, levanta-se a conjectura de criar uma cópia perfeita do passado (a *eikon*) que, por sua vez, abre caminho para outra possibilidade (a *phantasma*) uma cópia “defeituosa” do passado. Seguindo esse pensamento, a incerteza de uma reconstrução de uma imagem fiel do passado e a possibilidade dessa reconstrução defeituosa, fazem com que a busca pela distinção entre memória e imaginação, persiga Ricoeur em seu texto.

Para fazer essa separação Ricoeur (2007) analisa o tratado “*De memoria et reminiscentia*”, de Aristóteles, no qual se observa a experiência de temporalidade ligada ao ato de memória, no qual se verifica a capacidade humana, assim como

nos outros animais, de perceber o movimento. Porém, só o homem tem a percepção de um “antes” e um “depois”, ou seja, a percepção da duração. Nesse momento percebe-se uma diferença, só a memória possui essa sensação de tempo transcorrido, a imaginação não. Apesar das contribuições de Aristóteles, ainda permanece a dúvida, quanto a qual ponto a memória é verossímil.

Ainda se utilizando de outros dois termos, Aristóteles, contribui para a fenomenologia de Ricoeur: *mneme* e *anamnesis*. Enquanto a *mneme* é uma lembrança espontânea, que vem sem esforço, a *anamnesis* necessita de um esforço para lembrar, como uma prática de memorização, assim como a civilização grega que se utilizava do exercício de rememoração, no ato de declarar a poesia para lembrar-se dos feitos do passado.

Paira sobre a obra de Ricoeur (2007) a preocupação com a ética. Vemos a busca por uma “verdade” dentro da ética. A busca em diferenciar memória e imaginação, no qual se impõe à memória uma credibilidade, capaz de dar voz a um indivíduo que é portador de um relato, encontrando na metodologia um caminho firme a seguir.

O esquecimento em Paul Ricoeur (2007) está ligado à sua fenomenologia da memória. No primeiro momento devemos entender que o esquecimento é uma perda. Esquecer algo que era lembrado em um momento específico. Sabendo que o homem não possui uma memória plena, que em algum momento a memória falha, isso causa no autor um misto de medo e felicidade:

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos com uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida – com a permissão do cérebro (RICOEUR, 2007, p. 427).

Capitaneando esse pensamento, o esquecimento está condicionado ao nosso cérebro, no qual estamos sentenciados a esquecer tudo, não só pelo fato de que em algum momento ele irá fatalmente falhar, mas também condicionado às novas experiências sociais, novos grupos, novos lugares visitados, ou seja, o desprendimento a determinados círculos de relacionamento.

De acordo com Ricoeur (1997, p. 424) “sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”. Essa luta travada entre a memória e o esquecimento, em guardar os eventos passados, assim como os eventos do presente, para, dessa forma, serem utilizados futuramente, possibilita alguns debates quanto ao que fica “marcado” na nossa memória e o que é esquecido.

Desde o comentário dos textos de Platão e Aristóteles, fundamentados na metáfora da impressão na cera, propus distinguir três espécies de rastros: o rastro escrito, que se tornou, no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção, deixada em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz, chocante; enfim, o rastro cerebral, cortical, tratado pelas neurociências (RICOEUR, 2007, p. 425).

Dentro das possibilidades entre esquecer e recordar, os acontecimentos marcantes de uma experiência vivida, travam mais uma batalha. Um fato marcante pode ser facilmente lembrado, ou sendo um fato traumatizante, bloqueado na nossa memória. Arraigado às experiências traumatizantes, as pessoas podem não querer

lembrar-se de fatos que marcaram sua vida, por trazerem uma alta carga emocional. Trata-se de um esquecimento proposital, ou ainda aquilo que Pollak (1989) chama de silêncio.

Portanto, a questão do esquecimento “continua a ser a inquietante ameaça que se delinea no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história” (RICOEUR, 2007, p.426). Esse medo do esquecimento, o lembrar, o imaginário, são fenômenos que a cada dia estão recorrentes nas referências dos historiadores e que ainda têm um enorme horizonte a ser discutido.

4. OS DESAFIOS DE ANTÔNIO BIÁ

Dentro desse horizonte a ser discutido, o filme *Narradores de Javé* tem sido alvo de inúmeras análises dos historiadores, por refletir temas como a construção da identidade, rememoração de histórias e suas representações, a escrita, além de outros temas que podem ser extraídos. O filme que conta com um teor cômico, narrando a tentativa da escrita de um “dossiê científico” no intuito de salvar a vila. Antes de debater o recorte proposto, acompanharemos a sinopse do longa:

O filme “Narradores de Javé”, de Eliane Caffé (2003), apresenta a história de um lugarejo denominado “Vale de Javé”. Sob a ameaça do povoado submergir sob as águas de uma represa que seria criada, os habitantes decidem que a única forma de salvar o lugarejo seria organizar um livro por meio das memórias dos habitantes, reunindo-as em uma única narrativa, que comprovaria o valor histórico e a importância dos grandes nomes do Vale de Javé. Como toda a população era iletrada, a primeira tarefa seria encontrar alguém disposto a escrever.

A missão foi imposta a Antônio Biá, o único que sabia a “arte” de escrever. Ele havia sido expulso do Vale quando trabalhava no posto dos correios. Para salvar seu emprego, pois o posto iria fechar, aproveitou-se que ali quase ninguém sabia ler e começou a escrever inúmeras cartas. Na escrita ele ia aumentando vários “causos acontecidos” dos habitantes do vilarejo, criando inúmeras “histórias falsas”. Ao saber dessas cartas, a população acaba o expulsando do Vale. Porém, diante da grande ameaça que inundaria com o lugar, ele agora seria o único capaz de escrever a grandiosa história do Vale de Javé e salvar o lugar.

Sentindo-se em dívida com o povoado e ao mesmo tempo a imposição sofrida, Biá não tinha outra opção a não ser aceitar o desafio. A partir desse ponto iremos analisar as escolhas e ações tomadas por esse “herói” improvável, que agora com seu livro em branco, tem a missão de salvar Javé das águas, pagando sua dívida e ficando em paz com o povoado. Vale lembrar, que Antônio Biá, tinha acesso à leitura e escrita, mas não tinha nenhuma formação acadêmica. Logo, não teve acesso aos métodos da História Oral ou aos estudos sobre a memória.

Antônio Biá começa sua missão, escolhendo o primeiro entrevistado, Seu Vicentino, pai de uma antiga paixão de Biá. Logo, ouviria dele as lembranças “javélicas”, para assim iniciar a escrita do livro *A Odisseia do Vale do Javé: primeira parte*. Em sua versão, Seu Vicentino narra a grande história de Indalécio, o fundador de Javé. Nessa primeira versão da história do vale, é ele o herói que guia o povo, no seu cavalo branco, fugindo da guerra contra o governo de Portugal que queria tomar suas terras onde havia a presença de ouro, até o local onde é o vale e ali se instalando, levando consigo o sino que era “a coisa mais sagrada que possuíam”.

Essa primeira escolha de quem seria entrevistado, não foi por acaso. Segundo Alberti (2005, p.172) “é preciso conhecer o papel dos que participaram ou

participam do tema investigado”. Assim, a escolha por Seu Vicentino foi acertada, tanto por ter um respeito pelos moradores, sendo um ancião, como também por ser “descendente indireto” de Indalécio. Ainda de acordo com Alberti (2005), saber escolher evita os chamados “desviantes”, observamos no decorrer do filme, que algumas pessoas que não tinham uma história relevante, queriam fazer parte do dossiê.

Seguindo sua narrativa, Seu Vicentino, narra um fato no qual Indalécio, para matar a fome do povo em sua jornada para o local em que se estabeleceriam, invade uma boiada e mata o boi mais bonito e mais gordo. Nesse momento observamos a ação do imaginário de Antônio Biá que, ao narrar o mesmo fato, de forma romantizada e cheia de heroísmo e fantasia, oferece a Seu Vicentino uma escrita do mesmo fato, só que “melhorada”. “Uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito, o acontecido tem que ser melhorado no escrito de forma melhor para que o povo creia no acontecido”. Essa afirmação de Biá se distancia do pensamento de Alberti (2005, p.180), na medida em que ela aponta que “muitas vezes é necessário passar o texto transcrito por um trabalho de conferência de fidelidade”, no sentido de encontrar erros e “acréscimos indevidos”.

Deodora, a segunda escolhida para a entrevista, que se proclamava descendente de Mariadina, integrante do bando de Indalécio na trajetória de encontrar um lugar para viver. Em sua narrativa não conta a história de um herói, mas a da heroína, Meriadina. Atribuindo a essa heroína o lugar da real fundadora do Vale do Javé. Essa versão logo foi questionada por Firmino, um dos moradores presentes no momento da entrevista, descrevendo Mariadina como uma “louca farrapilha”. Gerando a dúvida de qual narrativa iria para o livro, Biá propõe uma votação sobre qual história entraria para o dossiê. Essa decisão de Biá provocou outro questionamento entre os presentes: as duas narrativas podem ou não fazer parte do livro? Segundo Dona Maria, “não se pode tirar uma sem o prejuízo da outra”. Observamos nessa cena que as narrativas de um mesmo fato são distintas. Alberti (2005, p. 173) já advertia para essa situação, pois “uma pesquisa de História oral produz entrevistas diferentes em qualidade e densidade, e muitas vezes isso depende dos entrevistados”.

Se em Halbwachs (1990, p. 71) a lembrança é uma “reconstrução do passado” aliada aos “dados” do presente e que a cada geração essa reconstrução sofre influências, como então reconstruir uma história para Javé, colhendo tantas informações diferentes? Ora Seguindo esse pensamento, onde cada narrador expõe sua versão alterada, no qual ao longo do tempo, essas versões foram sendo reconstruídas seguindo o herói que assim os representavam, seja Indalécio ou Mariadina. Com tantas nuances entre a cada versão, Biá se vê a cada momento mais perdido, sem tempo e sem saber como colocar no papel a história que salvaria o vale.

Na cena em que Firmino, ao querer olhar o livro, é repreendido por Biá, que declara: “a história é de vocês, mas a escrita é minha”, vemos a configuração do conflito direto entre memória e escrita. Um sentimento de pertencimento e criador da história começa a ser exposto em Biá. Portelli (1997) abordando sobre o papel do historiador, “sem o qual não haveria entrevista”. Embora não sendo um historiador de formação, Biá se reconhecia como tal, um agente histórico, capaz de escrever e produzir conhecimento histórico.

A próxima entrevista é com os irmãos, Peneré, filhos dos irmãos gêmeos Cosme e Damião. Segundo eles é em suas terras que os restos mortais de Indalécio estão enterrados, junto com as armas que ele tinha escondido. Outra entrevista foi

com Daniel, filho de Isaias. Biá ouviu as histórias que Daniel tinha a contar sobre seu pai. Em suas lembranças ele conta quando viu o seu pai matar um homem em sua casa.

Nessa multiplicidade de narrativas, que Alberti (2005) chama de “histórias dentro da história”, observamos que nessas últimas o foco não era tanto as grandes histórias de Indalécio, mas a trama envolvendo os gêmeos Cosme e Damião, que se envolveram com a mesma mulher, ao engravidar não sabia qual dos gêmeos seria o verdadeiro pai. Na procura da legitimidade, os dois irmãos buscam saber quem é o verdadeiro herdeiro da terra onde está enterrado Indalécio e uma breve história sobre Isaias.

A entrevista com um descendente africano, que morava na região, traz um olhar diferente de Indalécio, chamado por ele de Indaleu. De acordo com o relato, Indaleu foi quem conduziu o povo para aquela parte da “África” (acreditando que o vale era no continente africano). Vemos a preocupação de Antônio Biá em procurar semelhanças nas narrativas, fazendo perguntas sobre aspectos que tinha encontrado em entrevistas anteriores. De acordo com Alberti (2005, p. 174), dependendo da pesquisa existe a “possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado”, no intuito de dar mais consistência à pesquisa. Biá não encontrou, embora as tentativas, muitas semelhanças nas histórias contadas, na medida em que o filme avança vemos uma preocupação em não conseguir escrever o dossiê em tempo hábil. Segundo Pollak é necessário que as narrativas tenham “pontos de contato”, para que a reconstrução tenha uma base comum:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLAK, 1992, p.3).

Nota-se nas entrevistas representações diferentes de Indalécio, mas que são a base comum de um imaginário coletivo. Em cada narrativa a forma física dele muda, ora a aparência bem próxima do europeu, ora mais com um nordestino, ora como africano. De fato, a figura de herói não é única, sendo ora mediada por representações diferentes de Indalécio, ora a figura da mulher sendo colocada como heroína. Uma busca por identidade, na qual molda a forma de como a representação consegue fazer com que as pessoas consigam enxergar a si mesmo e os outros.

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e escolhas [...]. Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais (CUCHE, 1999, p. 181).

Em uma entrevista podemos nos deparar com representações diferentes, tanto através da construção da identidade, que mantém um permanente influência das relações sociais, como a própria memória podendo ser confundida com a imaginação, ao menos que estejamos inteirados dos fatos. Biá se depara com essa confusão, ao ouvir as narrativas, observando que são histórias cheias de imaginação, fantasias e marcas da subjetividade. Sua procura por uma narrativa imparcial, entra em choque com múltiplos pontos de vista, fato comum na história

oral que “nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador” (PORTELLI, 1997, p. 39).

Portelli (1997) aborda a questão dessas múltiplas possibilidades dos discursos que encontram o imaginário e a subjetividade.

No entanto, a constatação de não mais estarmos lidando com fatos concretos (e que falta nos fazem!), mas com elementos mutáveis, como subjetividade, memória e narrativas de histórias, não nos deveria causar a euforia pós-moderna de decompor a materialidade do mundo externo entre as estonteantes possibilidades do discurso irrelevante. Da mesma maneira que trabalhamos com a interação do social e do pessoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados. Não reconheceremos a imaginação a menos que procuremos nos inteirar dos fatos (PORTELLI, 1997, p. 25).

Biá vê-se em um conflito de narrativas tendo em vista que inúmeras pessoas o procuravam para relatar suas versões. Vemos uma pesquisa muito quantitativa, diferente do que a própria Alberti (2005, p. 172) nos adverte, no qual “os entrevistados são tomados como unidades qualitativas, e não como estatísticas”. Outro ponto que podemos analisar é o pouco tempo de cada entrevista, sem um roteiro a seguir, Biá, esbarrou em muitas entrevistas sem conteúdo significativo, fazendo com que o tempo que ele tinha para escrever a grande história do Vale do Javé, fosse sendo esgotado.

Antônio Biá tinha duas opções de escrita, uma história única consensual, no qual ele poderia, ao colher todas as narrativas, escrever a história de Javé, ou por outro lado, escrever uma história com várias narrativas, mas que tivesse uma base em comum, os fundadores. Porém, o que se encontrou no livro foi alguns rabiscos e alguns nomes e nada mais.

O que nós somos é só um povinho ignorante que quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala, sem futuro nenhum. Vocês acham que os homens vão parar a represa e o progresso pra um bando de semianalfabeto, não vão não. Isso é fato, e científico.

Na impossibilidade de escrever o livro, Biá expõe sua angústia e a dificuldade que encontrou. Ao declarar “quanto às histórias, tais melhor ficar na boca do povo, porque no papel não há mão que lhe dê razão” mostra que a tarefa de escrever a partir de memórias não é tão simples. Muitas histórias distintas e fragmentadas, compostas por memórias, narradas como “verdade”, assim como qualquer outra sociedade tem a sua verdade, preservando a memória através da fala e a produzindo enquanto narra. Apesar das palavras duras que Antônio Biá proferiu para o povo de Javé, mesmo não conseguindo realizar a escrita do livro que salvaria a vila, notamos um sentimento de identidade e pertencimento ao lugar, seja quando desafiado quando os engenheiros vieram para a vila, seja na tristeza em seu olhar por não conseguir escrever o dossiê, ao olhar as águas que agora cobriam o vale do Javé.

Mesmo com Javé coberta com as águas da represa, ainda podemos observar Antônio Biá e seu livro, o começo de uma nova odisseia. Sentado a beira da represa, ele se coloca em outro desafio, na medida em que não foi possível a escrita da primeira parte, Biá, enxerga a oportunidade de escrever *A odisseia do vale do*

Javé: segunda parte. Agora, não apenas como um ouvinte, mas como participante dessa odisseia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O premiado filme, *Narradores de Javé*, cada vez mais se faz presente tanto nas escolas quanto na academia, sendo protagonista de diversos trabalhos, mesmo sendo uma ficção, consegue abordar temas multidisciplinares. As narrativas contadas, o cenário e linguagem, mostram um povo simples, mas cheio de coragem que com suas memórias guarda a grande história de Javé. A fim de criar uma identidade para a comunidade e preservar suas origens, observamos em suas narrativas uma valorização, representada seja pelo nome de Indalécio ou por Mariadina, a figura de um herói que os representava.

Indo de encontro a esperança de salvar Javé das águas, o filme expõe as armadilhas que alguém pode encontrar na tentativa de escrever uma história a partir das lembranças. A medida em que lidar com memória, seja no plano individual ou social, necessita de tempo para uma análise mais cuidadosa. Antônio Biá, não tinha muito tempo para escrever a história frente ao risco da instalação da hidrelétrica.

Cheia de imagens, a imaginação durante a narrativa, desviou o objetivo de escrever uma única história. Isso demonstra que em Javé, embora o fator comum dos fundadores, cada memória era manejada de forma diferente em cada família. A cada entrevista novos elementos eram introduzidos, em outras ocasiões elementos totalmente em desconforto com as narrativas antes colhidas. Dessa forma, vemos que a memória tem esse elemento, o da reconstrução, de forma que o passado não pode ser representado tal qual ocorreu. O fator presente interfere nessa representação, trazendo consigo novos olhares e influências. Porém, o fato continua lá, só que agora aparece diferente, nunca uma história contada, será exatamente igual, na próxima vez que for reproduzida, algum elemento pode faltar, outro pode aparecer, mas nunca igual.

O desfecho do filme também nos mostra, de forma indireta, a necessidade de se planejar uma pesquisa em história oral, seguir uma metodologia de trabalho, sabendo escolher bem quem irá ser entrevistado, quantos serão entrevistados, seguir um roteiro de perguntas, o trato de capturar e armazenar as entrevistas, a ética com os depoimentos, entre outros cuidados que não enxergamos no filme.

Mesmo não tendo formação acadêmica, Antônio Biá, aceita o desafio na esperança de escrever um dossiê científico que salvasse Javé, chamado por ele de *A odisseia do vale do Javé: primeira parte*. Mesmo com todas as dificuldades que ele enfrentou, exposto a situações que só pesquisadores costumam passar, percebe-se algumas qualidades. Primeiro a sua escrita, foi através dela com suas histórias inventadas que fora expulso da vila. Em segundo lugar, a sua criatividade, qualidade importante que um bom escritor deve cultivar. Por último, a sua identidade com a obra, embora não concluindo a “primeira parte”, acompanhamos seu sofrimento em não superar o desafio que lhe foi imputado e mesmo Javé coberto pelas águas, ele começa a escrever a “segunda parte”, agora não como quem ouve, mas alguém que faz parte dela.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EDWARDS, D., POTTER, J & MIDDLETON, D. "Toward a discursive psychology of remembering". **The Psychologist: Bulletin of the British Psychological Society**, vol. 5 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

GUEDES PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão.** Campinas: Papyrus, 1996. [Original de 1965].

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: ALBERTI, Verena et al. (Orgs.). **História Oral: desafios do século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, 2000.

LASSERRE, F. L'istoriographie grecque à époque archaïque. **Quaderni di Storia**, 4, p.113 – 142, 1976b.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. Revisão técnica de Néri de Barros Almeida. 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC-S, n. 10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória esquecimento, silêncio, **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC-FG, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, n. 15, 1997.

RAMOS JR., Dornival Venâncio. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, v.22. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**. PUC-RS, v. XXXII, n. 1, 2006.

Filmografia

Narradores de Javé. Direção. Eliane Caffé Estúdio: Bananeira Filmes/Gullane Filmes /Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. (Brasil): 2003.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda direta e/ou indireta de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Ao meu orientador Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior, que mesmo não tendo o privilégio de ser seu aluno em alguma disciplina, aceitou o convite para orientação. Muito obrigado por sua paciência, indicações de textos, por sua humanidade, sempre preocupado com o bem-estar, em meio a pandemia, soube muito bem passar confiança e a segurança necessária para que o trabalho fosse concluído, serei sempre grato.

A todos os meus familiares que estão sempre comigo, minha mãe Marilene M. de Araújo que sempre me cobrava a todos os momentos reforçando a necessidade de estudar, de ir adiante, através dos estudos procurar uma vida melhor. A meus irmãos Wilton Cantalice N. Marques que ajudou de forma direta, Adailza e Aliliane Nóbrega que a pouco as conheci e a Márcia Cantalice por todo seu carinho e preocupação comigo. Aos meus sobrinhos que me trazem alegria e me dão ânimo de seguir em frente e a meus avós Francisca M. de Araújo e Lourival Marques (*in memoriam*) que me criaram desde criança estiveram sempre ao meu lado nos melhores e nos piores momentos da minha trajetória. A minha namorada, Tamyres Medeiros, pelas palavras de incentivo, ajuda e cobrança quando necessário, muito importante para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores que conheci durante o Curso de História por todo conhecimento transmitido, permitindo chegar a conclusão deste trabalho. Entre eles Matusalém e Auricélia que deixaram sua marca, uma boa lembrança que levarei comigo. Não posso deixar de agradecer de maneira bem especial a Profa. Dra. Hilmaria Xavier Ribeiro e a Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano por terem aceitado o convite de fazer parte da banca, além de terem sido meus professores no qual adquiri conhecimento e experiência, a elas Meu abraço especial que se estende para todo o corpo docente dos professores de História no qual fizeram parte dessa trajetória, uma etapa na qual espero que não pare por aqui.

Aos meus colegas e amigos da turma 2015.1, na qual fiz verdadeiros amigos, Jessica Kaline, que foi uma das mais que me apoiaram durante o curso, Helaine Nascimento, que por seus motivos não pode continuar conosco, Letícia Coutinho, Maria Artenísia, Bonnierk, Jilton Lucena grande amigo e apoiador e Adailton Medeiros que se tornou um irmão além dos muros da universidade e esteve comigo até o fim, temos muitas memórias guardadas de todos esses anos na academia. Em nome destes quero agradecer a toda turma, tanto aos que estiveram comigo desde o início e aqueles que chegaram durante o curso, no qual carinhosamente chamamos de os agregados, no qual desses não posso deixar de mencionar Júlio César que chegou e somou demais para turma com suas interações durante as aulas.

A todos os meus amigos em especial Mirelle Nery, por todo apoio, incentivo e amizade que levarei para a vida toda. Aos amigos e colegas do ônibus que diariamente compartilhávamos inúmeras risadas, conversas nos quais mais pareciam uma terapia e faziam do trajeto um momento de alegria. Não diferente a galera do baralho que todos os dias estavam nas mesas do hall de entrada da CIAC, um pequeno grupo que se tornou o responsável por tirar um pouco da pressão que a academia nos coloca. No qual quero destacar outro irmão que a universidade junto com a galera do baralho me presenteou, meu amigo Tadeu.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da Secretária de Saúde, no qual agradeço a todos sem exceções. Dentre eles, Magno Lisboa, por depositar em mim confiança e ânimo, além de sua disponibilidade em ajudar sempre que solicitado, no qual foi importantíssimo na conclusão deste trabalho. A Joseilda Moraes, Viviane Alcantâra, Elizabeth, Marcos Trajano, Ana Paula, Marcileide, Maria do Carmo, Mariana Pimenta e a Verônica Estela que em meio as dificuldades sempre me deram motivos para continuar.

Mas isso tudo só foi possível graças a Deus que me deu o dom da vida e todas as bênçãos necessárias para chegar até aqui e a força que tem me dado mesmo em momentos difíceis, quando pensei em desistir tirei forças de onde não existia, deposito os créditos a Ele.